

L . E . T . D F . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996

Teatro exige Dulcina Viva

■ **Paracatu e os
caminhos para
os Goyazes**



Chechênia, Eslovênia, quem Quênia. O mundo é uma Bósnia. Olho à minha volta, *mélancolie*. Eles querem a Guerra, com G maiúsculo, eles querem. A TV a cabo me conecta com o mundo. Documentários sobre o renascimento do nazismo, na Alemanha, e matérias diversas sobre o espancamento de mulheres. Em toda parte do planeta, mulheres espancadas, humilhadas, mutiladas. Até mesmo no Canadá. Por lá existem regiões onde o "costume" é violentar jovencinhas em flor. O divertimento da moçada é descobrir quem é virgem, ir lá e "traçar" o pretensioso cabaço da donzela, na base do "no peito e na raça". E assim o Canadá, pelo qual sempre nutri franca simpatia, ajuda-me a ficar um pouco mais triste neste dia. Já de madrugada, aproveito a chance na TV para rever um dos filmes mais lindos, embora de um humor dramático, e que sobressai da banal enxurrada cinematográfica norte-americana: *Midnight Cowboy*, dirigido por John Schlesinger, que traz Jon Voight e Dustin Hoffman em desempenhos inesquecíveis.

Após o filme, surpreendi-me pensando em Néelson Rodrigues. A grande questão em Néelson sempre me pareceu relacionada com a pureza, enquanto valor. Constatar o impuro na essência do humano, creio, causava-lhe um certo horror. Sem dúvida, é triste reconhecer o lado escuro de si mesmo. O lado escuro produz a Bósnia toda. O lado escuro destrói, transforma tudo naqueles campos condenados da Rússia, que inspiraram o poema lindo do Jorge Domingos, *Blue Eyes Balada*, sobre Sacha Mikalchenco, de três anos, que nasceu em Chernobyl, "de olhos azuis / da cor de Mar Despoluído", mas sem o braço direito. Paradoxo: o horror que inspira o belo.

Voltando às questões penumbrosas, quando falo agora do lado escuro, já não me refiro ao meu (tenho nada com a violência do mundo ou tenho?), mas do lado escuro dos que ficam fazendo testes com bombas e espancando mulheres. Chirac, Chirac, Chirac, lembrei-me de você. E a língua francesa é tão bela. Não estrague a poesia, Chirac. Vá dormir, esfrie a cabeça, esqueça essa história de teste nuclear, permita sonhos no seu quatinho escuro. A gente não conta para ninguém, prometo!

Ah, vontade de ler um livro, de receber uma mensagem do Cardias, de escrever para o Jack uma daquelas cartas longas e repletas das maluquices de que ele gosta. Vontade de pegar o telefone e falar com o Urhacy. Vontade, como do

Crônica de um dia triste

RICARDO ALFAYA

Teresinka, de conhecer a Ilma Fontes. Vontade de dormir e o sono não vem. Vontade de escrever um poema, não vem também. Ando de um lado para outro, está tudo encaixotado para mudança. Onde, meus livros? Eu sou ninguém sem meus livros. E como vou fazer poemas visuais com o computador desligado e o material de desenho de Amelinda empacotado? Penso num visual para enviar ao Hugo Pontes: *Coquetel Molotov*, título. Corpo: um copo efervescente composto de siglas e nomes de empresas multinacionais. Inclino o copo ou deixo reto, em primeiro plano? Poderia completá-lo à Avelino, pondo uma criança brasileira, com cara de subnutrida, bebendo da "poção".

Curiosamente, penso que se esta crônica, por um descuido do destino (e somente assim coisa dessas aconteceria), saísse num *O Globo* da vida, ninguém entenderia. Faltaria contexto, somos todos estatisticamente irrelevantes, a despeito de fazermos (ou talvez porque façamos) hoje o trabalho literário, verdadeiramente vivo, significativo neste País. Tal como Newman Sucupira, estamos todos escrevendo para não mais de meia dúzia, se tanto. Sim, perfeito o título do jornal de Thiago Menezes: *O Exilado*.

O escritor brasileiro é exilado de seu povo. Aqui somos curiosidade, detalhe exótico, *avis rara*, nesta terra de pássaros sem plumas, de mãos que não conhecem a pena, de bocas que vivem de bico-de-pena calado.

Neste dia em que os jornais me aborreceram bastante, a única notícia boa veio pela voz de Amelinda, comentando sobre um iogue na Índia que, por andar nu, vivia sendo preso. Mas o interessante é que punham o homem na prisão e ele desaparecia dela, voltando às ruas misteriosamente, paredes e grades da cela intactas. Pegavam o homem de novo, jogavam lá dentro e eis que ele de repente estava flutuando à altura do teto para assombro e terror de seus carcereiros que, por fim, acabaram desistindo de prendê-lo. Esse homem não sentia frio ou calor e, liberto dos condicionamentos morais que nos oprimem, dispensava o uso de roupas, seu grande e único "crime", ao que se saiba.

O comentário de Amelinda lembrou-me um dos livros mais fantásticos que li, *Autobiografia de um Iogue*, de Paramahansa Iogananda, onde o caso se encontra registrado. A simples lembrança trouxe um momento de alívio, neste dia tão suavemente tristonho. Fico sempre me perguntando: o que fazem os iogues e os santos com seu lado sombra, com seu quatinho escuro? E se a escuridão existe apenas para servir de pano de fundo para a claridade intensa? Recordo de um poema que fiz: *Um quarto de Lua / Para Apolo, cansado de Sol / Ter uma vida que sonhava / A face oculta sob o lençol*. Nesse caso, o quarto escuro seria como um útero, um berço à espera da claridade andarilha, que viaja na velocidade da luz. Talvez, mais romanticamente, uma alcova, espaço-tempo amante à espera do ser amado.

Todos falam na luz. Mas, seguindo tal raciocínio, a renúncia da escuridão é um amor maior. Um amor que se entrega a ponto de consentir deixar de existir. A escuridão morre para permitir a luz. Será isso que acontece com os iogues e os santos? A prevalência total da claridade, a purificação? Fosse puro, totalmente puro, talvez me viesse inspiração para palavras sábias. Dessas que são repetidas por gerações e gerações, consolando o coração dos homens, quando chega o canto de um dia triste.

Miquéias Paz
(PC do B)



No país, de modo geral, a manutenção e a preservação dos espaços culturais são precárias. O Teatro Dulcina, que abriga a Faculdade Brasileira de Teatro, não foge à regra. Eu, que já atuei como professor de artes cênicas naquele espaço, acredito que sua revitalização é essencial para Brasília. Os artistas e os estudantes do setor não podem ser privados de locais para atuação e desenvolvimento da arte. Brasília precisa estar à frente no Brasil, mostrar que sabe valorizar sua história, seus espaços, suas conquistas. Revitalizar o Teatro Dulcina e a FBT é tarefa de todos nós.

Tadeu Filippelli
(PMDB)



Nesses 36 anos, Brasília já viu muitos espetáculos culturais. Entre os mais belos e concorridos estão os balés montados pela Academia Lúcia Toller, que já trouxe dezenas de grandes nomes da dança nacional e internacional, contribuindo enormemente no intercâmbio cultural entre o Distrito Federal, outros Estados brasileiros e alguns países. Lúcia sempre esteve envolvida no desenvolvimento social e cultural dos brasilienses, ensinando técnica, disciplina e linguagem corporal a milhares de bailarinos. Ela é um exemplo de incentivo à cultura no DF.

OUTRAS PALAVRAS



Oscar Brasileiro

Acaba de ser encaminhado ao Ministério da Cultura um importante projeto em prol do cinema nacional. Trata-se do Prêmio SET — Loteria Cultural, idealizado pelo poeta e agitador cultural carioca, Urhacy Faustino, que, há muito, tem-se preocupado com o estado de abulia em que vive a arte cinematográfica no Brasil.

Se aprovado, o projeto trará consideráveis benefícios para o setor, pois consta de sua pauta a produção de, no mínimo, 12 longas-metragens e 12 curtas, anualmente.

Lançamentos

Lançados recentemente em Brasília com o selo da André Quicé-Editor, duas obras importantes: *Dossiê Grupo dos Sete: Os Povos e Países de Língua Portuguesa*, de Alan Viggiano, e *Dicionário de Escritores de Brasília*, de Napoleão Valadares. São publicações que têm lugar e valor, dada a singularidade e propósito dos autores.

Ao publicar o *Dossiê Grupo dos Sete...*, Alan Viggiano contribui para a valorização da nossa língua naquilo que ela tem de melhor, destacando aspectos intrínsecos de cada povo, nação, região, falares, preservando seus caracteres e peculiaridades. O autor colheu preciosas informações, checou dados, coligiu textos, artigos, referências, cartas e documentos.



O escritor brasileiro Roberto Miranda acaba de lançar mais um livro. Editado pela Thesaurus, a obra traz várias crônicas e contos do autor abrangendo um universo variado de personagens e situações.

Humor, euforia, ódio, reflexão, dor, saudade, ciúmes e mistério se alternam nos 17 contos e crônicas.

Com o objetivo de conscientizar alunos e professores sobre a importância e o funcionamento do Poder Legislativo, a Câmara Legislativa do Distrito Federal instituiu o programa "Cidadãos do Futuro", que abrangerá um universo de 4 mil estudantes de 1º grau das escolas públicas e particulares.

Todas as sextas-feiras, alunos e professores participarão de sessões simuladas no plenário da Câmara Legislativa para conhecerem na prática como funciona e qual a importância do Legislativo no cotidiano dos cidadãos. Durante as sessões, os alunos apresentarão propostas de leis e participarão de debates de interesse da comunidade.

Jorge Antunes

O maestro Jorge Antunes está concluindo seu novo livro, escrito em francês, por encomenda da editora parisiense Minerve. O livro, que se intitula *Vocabulaire des musiques latino-américaines*, inclui mais de 400 vocábulos e expressões específicas da música latino-americana. O trabalho conta com detalhados esclarecimentos técnicos e históricos para cada verbete, está ricamente ilustrado e terá um total de cerca de 300 páginas. O lançamento da obra está marcado para setembro deste ano em Paris.